

Leituras Regionais



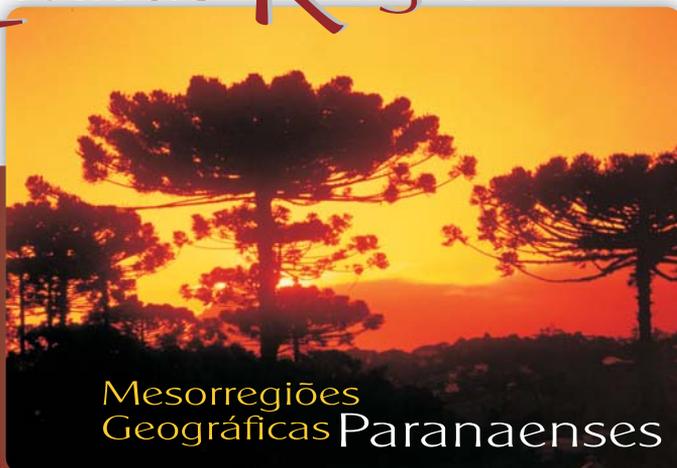
Mesorregiões
Geográficas Paranaenses

Sumário Executivo



IPARDES

Leituras Regionais



Mesorregiões
Geográficas Paranaenses

Sumário Executivo

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

ROBERTO REQUIÃO - *Governador*

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL

REINHOLD STEPHANES - *Secretário*

WILHELM EDUARD MILWARD DE AZEVEDO MEINERS - *Diretor Geral*

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL - IPARDES

JOSÉ MORAES NETO - *Diretor-Presidente*

NEI CELSO FATUCH - *Diretor Administrativo-Financeiro*

MARIA LÚCIA DE PAULA URBAN - *Diretora do Centro de Pesquisa*

SACHIKO ARAKI LIRA - *Diretora do Centro Estadual de Estatística*

THAÍS KORNIN - *Diretora do Centro de Treinamento para o Desenvolvimento*

EQUIPE TÉCNICA

PESQUISA

Rosa Moura (*Coordenação*), Alceu Henrique Bormancin, Ana Claudia P. Muller, Ana Maria de Macedo Ribas, Carlos Frederico de Camargo Fayet, Cecília Schlichta Giusti, Daniel Nojima, Débora Zlotnik Werneck, Diócles Libardi, Ivo Barreto Melão, João Jorge de Andrade, Jorge Sebastião de Bem, Julio Takeshi Suzuki Júnior, Lenita Maria Marques, Lucrecia Zaninelli Rocha, Maria Aparecida de Oliveira, Maria de Lourdes Urban Kleinke, Maria Isabel de Oliveira Barion, Maria Luiza M. S. Marques Dias, Marina M. Mori, Marino Lacay, Marisa Sugamoto, Marisa Valle Magalhães, Marley Vanice Deschamps, Nádia Z. Raggio, Neda Mohtadi Doustdar, Oduvaldo Bessa Junior, Paulo Roberto Delgado, Paulo Wavruk, Renate Winz, Sandra Teresinha da Silva, Sérgio Wirbiski, Solange do Rocio Machado, Valéria Villa Verde, Viviane Rauta Simiano

Débora Tiemi Scottini, Elaine Cristina de Souza Barbosa, Fernando Henrique Mendes de Lima, Frederico Barbosa Bez Batti, Heloisa Biscaia, Michelle Tunes dos Santos, Ricardo Kingo Hino - *Estagiários*

INFORMÁTICA

Francisco Carlos Sippel (*Coordenação*), Deborah Ribeiro Carvalho, João Carlos P. Franco

CRIAÇÃO E TRATAMENTO DE INFORMAÇÕES

Juilson Previdi (*Coordenação*), Ana Batista Martins, Ana Rita Barzick Nogueira, Cristiane Bachmann, Estelita Sandra de Matias, Léia Rachel Castellar, Maria Laura Lima Zocolotti, Nelson Ari Cardoso, Régia Toshie Okura Filizola, Rénia M. G. Pinto da Costa, Stella Maris Gazziero. Guilherme Saito (*estagiário*)

Eliane Maria Dolata Mandu - *normalização tabular*

Luiza Pilati Lourenço e Maria Dirce Botelho Marés de Souza - *normalização bibliográfica*

I59L Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
Leituras regionais : mesorregiões geográficas paranaenses :
sumário executivo / Instituto Paranaense de Desenvolvimento
Econômico e Social. - Curitiba : IPARDES, 2004.

32p.

1.Situação social. 2.Situação econômica. 3.Desenvolvimento
regional. 4.Mesorregião geográfica. 5. Paraná. I.Título.

CDU 332.143(816.2)

APRESENTAÇÃO

A série *Leituras Regionais* torna públicos os resultados de pesquisas que buscam contribuir para a caracterização e compreensão do perfil das mesorregiões do Estado do Paraná. Tem como objetivo disponibilizar informações e elementos de análise mais significativos para o entendimento das condições atuais e tendências gerais do desenvolvimento socioeconômico das regiões que, por essa razão, devem estar na pauta de prioridades de gestores e segmentos da sociedade comprometidos com o presente e o futuro das localidades.

Optou-se em desenvolver os estudos considerando o recorte territorial das “mesorregiões geográficas”, definidas pelo IBGE em 1976, que adotou, como critério fundamental definidor, a estrutura produtiva. Segundo o IBGE, estes recortes visam traduzir, ainda que de maneira sintética, as diferenças na organização do território nacional quanto às questões sociais e políticas. Oferecem possibilidades de agregação das informações do âmbito dos municípios para unidades maiores. As mesorregiões geográficas, cujos limites se mantêm praticamente inalterados, a despeito da dinâmica de emancipação de municípios, possibilitam a recomposição de séries históricas. Sua concepção sob critérios idênticos para todo o território nacional vem dando suporte a estudos sobre diferentes temáticas em todas as unidades da federação. Estas são justificativas para que se privilegie o recorte e se abram perspectivas de desdobramentos e aprofundamentos da pesquisa, assim como de sua comparabilidade extra-estadual.

O Paraná tem seus municípios organizados em dez mesorregiões geográficas (mapa 1) e, mesmo sob escolha desse recorte mesorregional, a pesquisa não eliminou a permanência do município como unidade base de análise, de processamento e de espacialização das informações. Assim, a focalização regional aprofunda-se no realce às particularidades municipais, permitindo apontar as desigualdades e potencialidades intrarregionais. Sobretudo, abre espaço para ampliar debates mais compartilhados quanto a rumos, opções e possibilidades de governança ou ação pública.

Este trabalho se organiza enquanto um Sumário Executivo da série *Leituras Regionais*, e se faz acompanhar de CD-ROM que inclui o conteúdo do conjunto dos estudos realizados para cada mesorregião geográfica paranaense. Com sua publicação, o IPARDES reitera o desejo de contribuir para a construção desse ambiente que poderá criar as bases de um modelo de desenvolvimento regional socialmente mais igualitário.

LEITURA COMPARATIVA DAS MESORREGIÕES

As mesorregiões geográficas paranaenses são heterogêneas em termos de composição municipal, populacional, grau de urbanização, dinâmica de crescimento, participação na renda da economia do Estado e empregabilidade, como ilustram seus indicadores gerais.

INDICADORES SELECIONADOS PARA AS MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS PARANAENSES - 2000						
MESORREGIÃO	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO TOTAL	TAXA CRESC. POP. TOTAL 1991-2000 (% a.a.)	GRAU DE URBANIZAÇÃO	PARTICIPAÇÃO NO VALOR ADICIONADO FISCAL DO ESTADO	TAXA DE DESEMPREGO (%)
Noroeste	61	641.084	-0,25	77,3	3,7	10,7
Centro-Occidental	25	346.648	-1,24	72,6	2,2	13,7
Norte Central	79	1.829.068	1,24	88,4	14,3	12,4
Norte Pioneiro	46	548.190	-0,15	75,1	2,8	11,9
Centro-Oriental	14	623.356	1,46	81,2	7,6	14,1
Oeste	50	1.138.582	1,28	81,6	13,8	12,8
Sudoeste	37	472.626	-0,13	59,9	3,5	8,4
Centro-Sul	29	533.317	0,69	60,9	3,9	11,5
Sudeste	21	377.274	0,89	53,6	2,3	9,0
Metropolitana de Curitiba	37	3.053.313	3,13	90,6	45,9	14,7
PARANÁ	399	9.563.458	1,40	81,4	100,0	12,8

FONTES: IBGE - Censo Demográfico, SEFA
 NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

O desenvolvimento recente do Estado tem a marca da intensa modernização da base produtiva e da sua concentração em alguns pólos regionais, definindo os contornos dessas disparidades tanto entre regiões como internamente às mesmas. Disparidades que se revelam nos movimentos da população e nos indicadores econômicos e sociais, frutos da capacidade de superação de obstáculos naturais, enfrentamento de crises e otimização de recursos para inserção na dinâmica produtiva paranaense.

De modo geral, o substrato natural, ao mesmo tempo em que potencializou essa modernização (mapa 2), foi impactado por ela. A intensa urbanização – com déficits de infra-estrutura básica –, associada à expansão das atividades agropecuárias, com elevado uso de agroquímicos, e à continuidade dos desmatamentos, comprometeram a qualidade dos recursos hídricos e o biossistema, agravando os danos ambientais. Ao mesmo tempo, a concentração fundiária que acompanhou esse processo esteve na raiz do intenso êxodo rural que marcou a dinâmica demográfica paranaense (gráfico 1).

A distribuição da população traduz a força dessas mudanças, conformando espacialidades que se adensam, em oposição a muitas outras, que se esvaziam. Entre os anos de 1991 e 2000, a mesorregião Metropolitana de Curitiba apresentou a expressiva taxa média geométrica de crescimento

anual da população de 3,1%, vindo de um ritmo de crescimento similar, na década anterior (gráfico 2). Outras três mesorregiões apresentaram taxas superiores a 1% ao ano: Centro-Oriental, Norte Central e Oeste, esta com elevado aumento do ritmo de crescimento em relação à década anterior. Apresentando comportamento oposto, as mesorregiões Sudoeste, Norte Pioneiro, Noroeste e Centro-Occidental evidenciaram decréscimos absolutos de população, em particular esta última. Esse processo diferenciado de crescimento demográfico imprimiu um perfil concentrado de população no Estado (mapa 3), destacando alguns municípios com funções polarizadoras na rede urbana estadual.

Tal dinâmica é semelhante em relação a outros indicadores. Guardando consonância às que apresentaram maior crescimento da população no mesmo período, a participação no valor adicionado fiscal (VAF) do Estado também destaca algumas mesorregiões. A Metropolitana de Curitiba foi responsável, em 2000, pela geração de 45,9% desse valor, tendo somado mais de 5 pontos percentuais em relação a 1991 (ver gráfico 2). Com participação menor, mesmo assim superior a 7%, em 2000, apontam-se as mesorregiões Centro-Oriental – com ritmo ligeiramente crescente no período –, Norte Central e Oeste, estas, porém, com participações em queda. As demais mesorregiões, tanto as que cresciam a taxas ínfimas quanto as que perdiam população, têm uma participação no VAF total do Estado entre 2% e 4%, relativamente estável no período.

A evolução demográfica recente e a participação na renda estadual apontam para uma concentração da dinâmica socioeconômica em um número reduzido de regiões, com destaque para a mesorregião Metropolitana de Curitiba.

Apesar disso, a retomada do crescimento do emprego formal no Paraná, nos últimos anos, apresentou maior intensidade no interior do Estado, em muito relacionada ao desempenho do agronegócio e do crescimento recente das exportações. As mesorregiões Sudeste e Oeste chamam a atenção por apresentarem as maiores variações de crescimento no período 1996/2001 (gráfico 3), dinâmica que teve prosseguimento nos anos recentes. Por outro lado, mesmo com variação inferior, sobressai a mesorregião Norte Central, que, juntamente com a Oeste, vêm respondendo por cerca de 1/3 do volume de empregos gerados no Estado. A mesorregião Metropolitana de Curitiba participa, também, com cerca de 1/3 do crescimento do emprego formal, embora em termos relativos seu crescimento seja menor, incapaz de acompanhar o aumento da população economicamente ativa. Uma análise particularizada por município demonstra que o aumento recente do emprego, no Estado, reproduz o padrão de concentração já mencionado, no qual se destacam as maiores aglomerações urbanas e um conjunto reduzido de municípios a elas articulados. Ressalte-se, ainda, que muitos municípios paranaenses apresentam um perfil de emprego bastante associado ao setor agropecuário (mapa 4).

As desigualdades regionais no Estado manifestam-se também em relação às condições sociais da população, sintetizadas por meio do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M). Enquanto algumas mesorregiões apresentam expressivas proporções de população vivendo em municípios com o IDH-M superior ao índice do Brasil (0,766), como são os casos das mesorregiões Oeste, Metropolitana e Norte Central, em outras, como na Centro-Occidental, Sudeste e Norte Pioneiro,

a maioria da população vive em municípios com índices inferiores a esse patamar (gráfico 4). Na mesorregião Centro-Occidental, nenhum município supera a média estadual (0,787).

A despeito do quadro acima, é importante salientar que quase todos os municípios do Estado apresentaram, na última década, melhoria em termos de desenvolvimento humano, desempenho que se relaciona a avanços nas dimensões educação e longevidade, decorrentes, em grande medida, de políticas nas áreas de educação, saúde e saneamento.

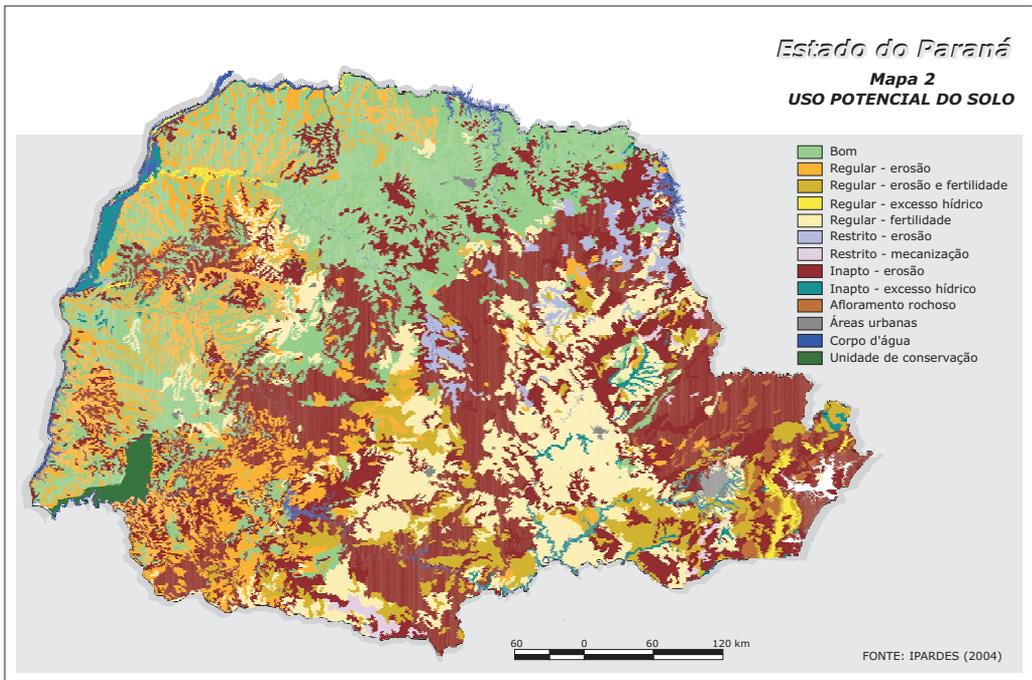
O mesmo não se observou em relação ao desempenho da renda, dimensão responsável pelas maiores diferenças entre municípios e regiões do Estado, do ponto de vista do desenvolvimento humano. Os diferentes níveis de renda auferidos pela população estão relacionados com a incidência de pobreza. As mesorregiões Centro-Sul, Sudeste e Centro-Occidental apresentam altas taxas de pobreza, em todas superior a 30% do total de famílias (mapa 5). As regiões mais dinâmicas do Estado, com maior grau de urbanização, apresentam as menores taxas de pobreza. Porém, como vêm concentrando cada vez mais população, o número de famílias pobres que detêm é bastante elevado.

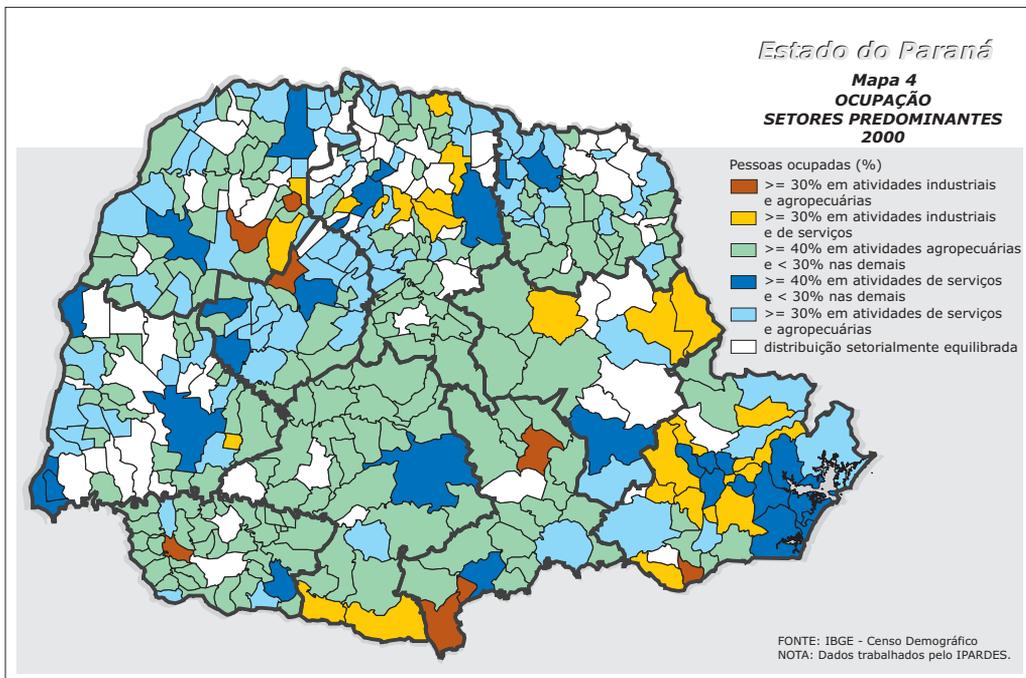
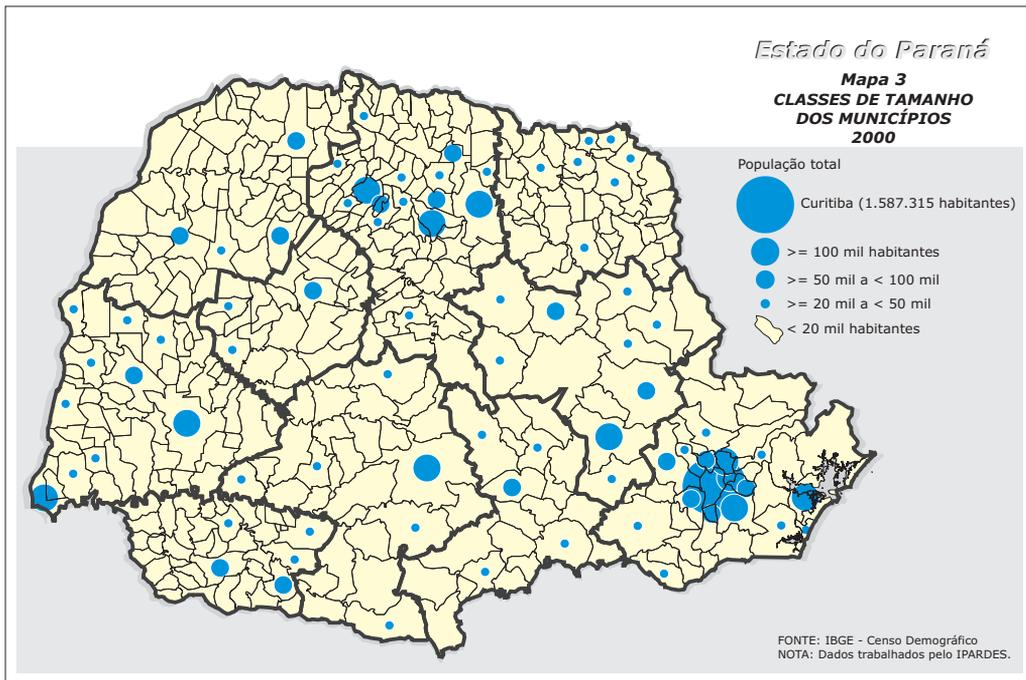
O desafio de superação das carências sociais depara-se com um quadro financeiro municipal heterogêneo, com grande parte dos municípios revelando uma extrema dependência das transferências federais do Fundo de Participação dos Municípios, situação relacionada à baixa capacidade de geração de receita própria. Um número reduzido de municipalidades evidencia melhores condições financeiras, seja pela capacidade de se auto-sustentar, seja, ainda, por se beneficiar de substantivos repasses de recursos compensatórios de diversas fontes (mapa 6).

A meta de se buscar um desenvolvimento socialmente mais equilibrado, evitando a desagregação social, pressupõe a inclusão de amplos segmentos da população, de forma digna, nos processos produtivos e de consumo, bem como o controle e recuperação das condições ambientais. Desses compromissos não estão dispensadas nem mesmo as regiões mais dinâmicas do Estado, pois, embora concentrem oportunidades econômicas e sociais, são também marcadas por acentuada desigualdade, a qual, ao conjugar-se à concentração populacional, dá origem a grandes bolsões de miséria.

É o que revela a análise em nível dos municípios, mostrando que essas desigualdades se repetem e, por vezes, se intensificam no interior das mesorregiões. Uma síntese da abordagem mesorregional, respeitando a ordem definida pelo IBGE, apontará as feições mais críticas, assim como enaltecerá as mais marcantes de cada unidade analisada.

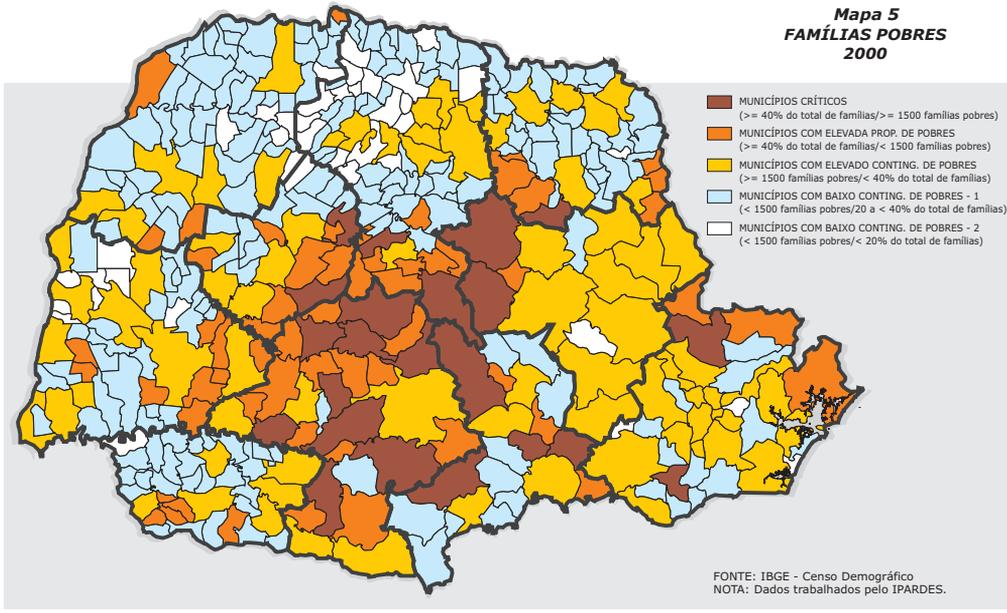
Com o presente trabalho, que incorpora variáveis e informações que definem o perfil da mesorregião e detalham as particularidades dos seus municípios, espera-se estar contribuindo para subsidiar e estimular um debate local/regional capaz de avançar na construção de estratégias inovadoras que ampliem oportunidades pessoais e coletivas e que se consolidem de modo socialmente mais justo e ambientalmente sustentável.





Estado do Paraná

Mapa 5
FAMÍLIAS POBRES
2000



Estado do Paraná

Mapa 6
FINANÇAS PÚBLICAS
2002

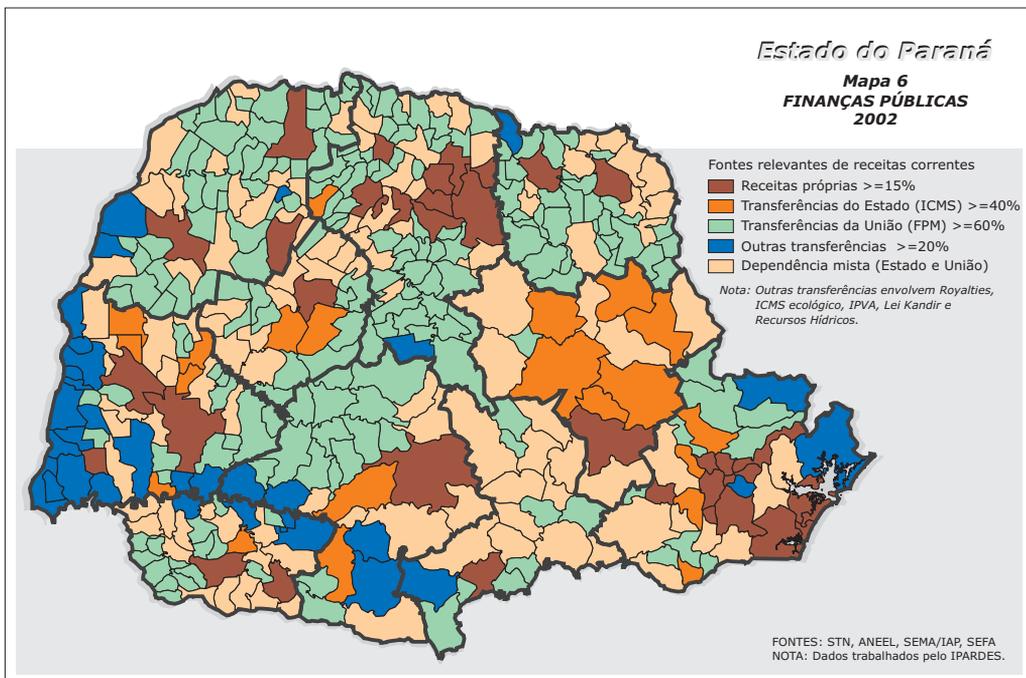
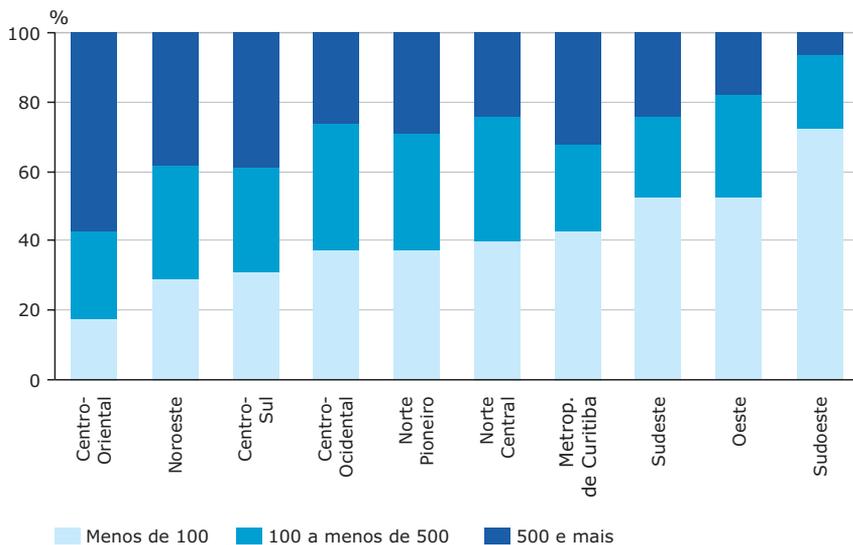


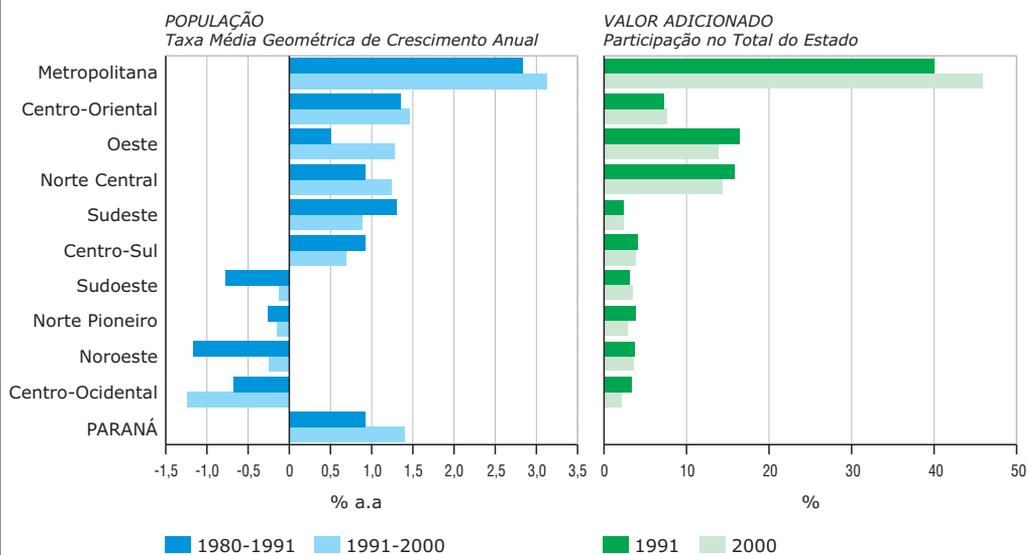
GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO DA ÁREA TOTAL POR TAMANHO DE ESTABELECIMENTO, SEGUNDO MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 1995



FONTE: IBGE

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

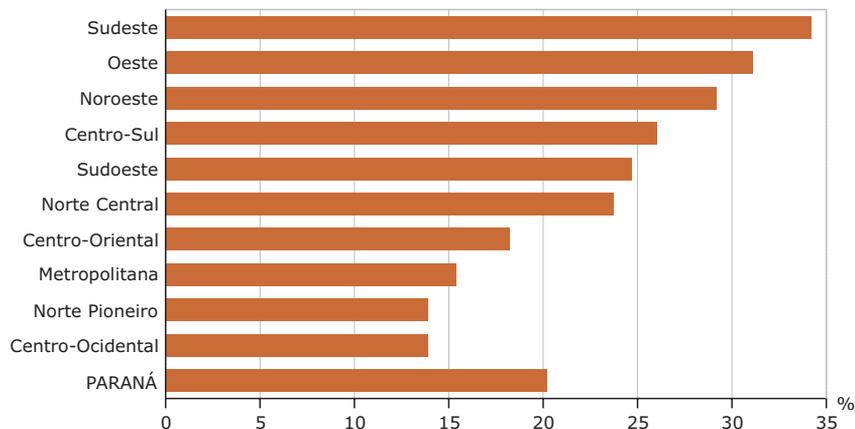
GRÁFICO 2 - TAXA DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO E PARTICIPAÇÃO NO VALOR ADICIONADO FISCAL DO ESTADO, SEGUNDO MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS E PARANÁ



FONTES: IBGE, SEFA

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

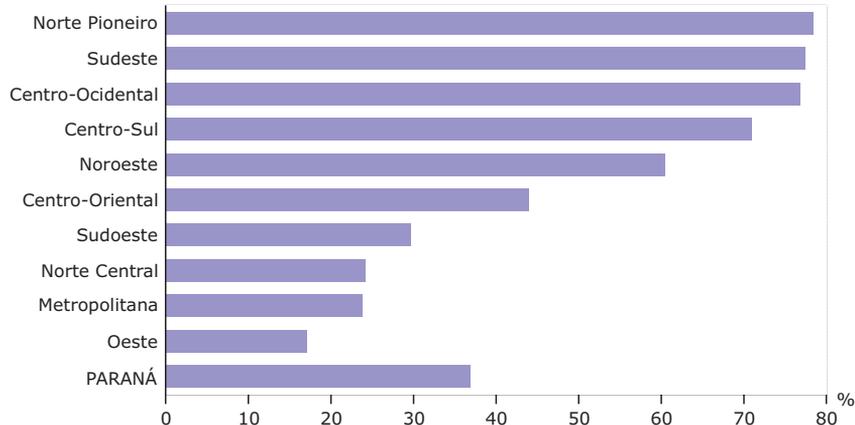
GRÁFICO 3 - VARIACÃO DO EMPREGO FORMAL, SEGUNDO MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS E PARANÁ - 1996/2001



FONTES:RAIS

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

GRÁFICO 4 - PERCENTUAL DE PESSOAS QUE RESIDEM EM MUNICÍPIOS COM IDH-M ABAIXO DA MÉDIA BRASILEIRA, SEGUNDO MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS E PARANÁ - 2000



FONTES:PNUD, IBGE

NOTAS: Dados trabalhados pelo IPARDES.

O IDH-M médio brasileiro é 0,766; o do Paraná é 0,787.

LEITURA-SÍNTESE DAS MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS

1 Mesorregião Noroeste Paranaense

A ocupação da mesorregião Noroeste Paranaense foi desencadeada a partir dos anos 40, em função da expansão da fronteira agrícola no Estado, assentada no avanço da cafeicultura. Entre as mesorregiões que integraram essa fronteira, na Noroeste se observou a maior dificuldade para transitar da crise cafeeira, dos anos 60/70, para o novo padrão de modernização da atividade agrícola, dificuldade esta relacionada, fundamentalmente, às limitações ao uso dos solos, que, devido à alta suscetibilidade à erosão, determinada pela ocorrência do arenito Caiuá, inviabilizou a expansão mais acentuada de culturas anuais, fazendo com que a pecuária extensiva fosse a opção ao declínio do café. Conseqüentemente, mesmo com os avanços recentes nas técnicas de manejo e conservação dos solos e a expansão de algumas culturas agrícolas, a Noroeste se particulariza pela elevada participação da pecuária no conjunto das atividades desenvolvidas na região.

Embora seu relevo seja predominantemente plano, a região possui apenas 45% dos solos considerados aptos ao desenvolvimento de atividades agrosilvopastoris, permitindo a mecanização da produção, mas requerendo práticas adequadas de conservação. Em razão do histórico uso inadequado das terras e do intenso desmatamento, a Noroeste aparece como uma das mesorregiões ambientalmente mais degradadas do Estado, com apenas 4,1% da cobertura florestal original preservada. Esses remanescentes se encontram, em sua maior parte, em áreas de proteção ambiental, com destaque para o Parque Nacional de Ilha Grande.

Os dois períodos do processo de ocupação da região – expansão do café e transição para a pecuária – deixaram sua marca na dinâmica demográfica regional. No início dos anos 70 o Noroeste era a segunda mesorregião mais populosa do interior do Paraná e, a partir de então, passou por intenso processo de decréscimo populacional, ligado principalmente ao componente migratório, que, inicialmente no meio rural e, mais recentemente, nas áreas urbanas, apresenta contínuos saldos negativos, consolidando o caráter expulsor de população do Noroeste. Em decorrência dessas dinâmicas de redistribuição espacial da população, a região mantém como centros mais populosos os municípios de Paranavaí, Umuarama e Cianorte.

Os indicadores populacionais apontam para um estágio relativamente avançado de transição demográfica, com nível de fecundidade inferior ao observado para o Estado e índices de expectativa de vida ao nascer, no início dos anos 90, similares aos do Paraná. Algumas características dessa transição são afetadas pela seletividade, por sexo e idade, do processo migratório: a Noroeste apresenta o maior índice de idosos entre as dez mesorregiões paranaenses, com a quase totalidade dos seus municípios

registrando índice superior à média estadual (19,7%); e, diferentemente de outras mesorregiões, há predomínio de homens entre a população idosa.

A qualidade da urbanização, que se expressa, em grande medida, na cobertura do saneamento básico, reproduz o padrão estadual de acentuada defasagem entre os serviços de abastecimento de água e de esgotamento sanitário, assim como maior precariedade de cobertura nas áreas rurais. Em relação ao abastecimento de água, a mesorregião apresenta uma situação mais favorável do que outras regiões do Estado, devido ao desenvolvimento de ações de abastecimento comunitário.

Relativamente a outros indicadores sociais, a mesorregião Noroeste fica aquém do padrão médio estadual, embora se possa perceber desempenhos favoráveis em algumas dimensões. Assim, apenas Cianorte e Umuarama apresentam valores do IDH-M acima da média estadual, enquanto 13 municípios encontram-se entre os 100 menores índices do Estado. O componente do IDH-M que se apresenta mais favorável é o nível de expectativa de vida ao nascer, reiterado pelo índice de mortalidade infantil, que se situa abaixo da média estadual na maior parte dos municípios. A maioria dos municípios também apresenta desempenho acima da média estadual quanto à frequência escolar nos níveis pré-escolar e fundamental. O desafio central relaciona-se à superação da pobreza, que envolve 1/4 dos habitantes da mesorregião.

Constatou-se que a mesorregião apresentou, no período 1996/2001, um dos maiores incrementos relativos no nível de emprego formal no Estado, cabendo destacar o forte aumento do emprego na indústria têxtil (vestuário), muito em função do dinamismo deste setor em Cianorte.

As atividades agropecuárias mantêm participação expressiva na ocupação da mão-de-obra regional. Essas atividades apresentam, comparativamente a outras mesorregiões, indicadores de produtividade mais baixos, e estão estruturadas principalmente em torno da pecuária bovina. A cultura do algodão, que tinha peso no setor, sofreu forte redução nos anos 90. Nesta mesma década, porém, a Noroeste se constituiu em fronteira para a expansão da soja e do milho, em um sistema que se vale da reforma de pastagens e dos avanços tecnológicos observados na área de manejo e conservação de solos. Além da expansão de *commodities*, observou-se crescimento de produtos direcionados à indústria, como a cana, mandioca e aves, além da produção estadual destacada de casulos do bicho-da-seda, café e fruticultura (abacaxi, laranja e manga).

Em termos industriais, a Noroeste concentra as atividades de beneficiamento da mandioca e se constitui no maior pólo sucro-alcooleiro do Estado. Em sua dinâmica recente destaca-se o forte avanço na área de confecção, na qual a região se insere como referência nacional.

A infra-estrutura viária da mesorregião depende fundamentalmente do sistema rodoviário, que interliga as principais cidades, em condições de tráfego consideradas boas, de um modo geral. É exceção a BR-487, que se encontra em situação crítica quanto ao tráfego, comprometendo sua função de ligação entre Umuarama e Campo Mourão e, também, o potencial de escoamento da produção do Mato Grosso do Sul, pela subutilização do complexo de pontes de Porto Camargo.

A região não dispõe de infra-estrutura específica para apoiar e estimular as experiências de Ciência, Tecnologia e Inovação, como incubadoras, agências de desenvolvimento ou centros tecnológicos. Porém, algumas iniciativas estão em andamento, reunindo diversas entidades empresariais e públicas, relacionadas a alguns segmentos produtivos da região, principalmente mandioca, couro e moda.

2 Mesorregião Centro-Ocidental Paranaense

Duas áreas fisiográficas configuram o território da mesorregião Centro-Ocidental Paranaense, a maior delas incluindo compartimentos com a presença do arenito Caiuá, mesmo assim com aptidão que varia de boa a regular, e a menor, na porção leste da região, com solos apresentando maior restrição. No conjunto, cerca de 77% dos solos são considerados aptos ao desenvolvimento de práticas agrícolas mecanizáveis.

O intenso uso das terras resultou em forte redução da cobertura florestal, restando atualmente próximo de 5% da cobertura original – a menor área de remanescentes florestais no Estado. Apesar de existirem várias unidades de conservação, a área total legalmente protegida é muito pequena.

A partir dos anos 40, a mesorregião intensificou seu processo de ocupação como resultado do encontro de dois fluxos populacionais, um deles oriundo do norte do Estado, relacionado à expansão do café, e outro decorrente do movimento de gaúchos e catarinenses nas porções oeste e sudoeste do Paraná, com a policultura alimentar. Esses sistemas, organizados por produtores familiares, mantiveram-se até o início dos anos 70, período em que a região se integrou ao movimento mais amplo de expansão da agricultura moderna no Paraná, com profundas mudanças na organização da produção, concentrando a terra e liberando mão-de-obra rural.

Os impactos desse processo sobre a dinâmica demográfica foram intensos e imprimiram na mesorregião características que a situam como área de esvaziamento populacional – em 21 municípios houve, nos anos 90, redução da população total. Mesmo Campo Mourão, o principal centro da mesorregião, apresentou taxa de crescimento inferior a 0,5% ao ano, indicando dificuldades de reter o aumento populacional que decorreria do crescimento vegetativo de sua população. Esse comportamento se estendeu inclusive às áreas urbanas da região, notando-se forte desaceleração das taxas de crescimento, bem como perdas populacionais absolutas.

Similarmente ao Estado, observa-se, na mesorregião, mudanças relativas à queda nos níveis de fecundidade e redução no nível de mortalidade, com a conseqüente alteração do perfil etário da população. A intensidade do processo migratório e sua seletividade acentuaram o ritmo de envelhecimento, com a Centro-Ocidental apresentando um dos mais elevados índices de idosos entre as mesorregiões paranaenses.

Em 2000, nenhum de seus municípios apresentou valores do IDH-M acima do verificado para o Estado (0,787), sendo que, em relação ao ano de 1991, vários deles perderam posição no *ranking*

estadual. Entre os componentes do IDH-M, os melhores resultados são observados em relação à educação, decorrente do atendimento escolar nos níveis básicos, da creche até o ensino fundamental. O pior desempenho ocorre em relação à renda, dimensão na qual todos os municípios encontram-se abaixo da média estadual, fato que se reflete no alto percentual (32%) de famílias em situação de pobreza.

O perfil de mortalidade da população acompanha o padrão estadual, com maior peso dos óbitos decorrentes de causas do aparelho circulatório, neoplasias e aparelho respiratório, destacando-se também a participação das causas externas, que expressam mortes violentas. No que se refere à mortalidade infantil, a quase totalidade dos municípios, inclusive o pólo regional, apresentava, em 2000, níveis de mortalidade superiores à média estadual.

Nas áreas urbanas da mesorregião, a disponibilidade dos serviços de abastecimento de água e coleta de lixo, em condição adequada, está próxima da universalização, o que não se verifica no caso do esgotamento sanitário. De modo geral, no meio rural as condições de saneamento são bastante precárias.

A economia regional baseia-se na agricultura e agroindústria, que se consolidaram com o processo de modernização ocorrido a partir dos anos 70, porém sem elevar a participação na renda gerada no Estado. Ao contrário, a mesorregião teve reduzida sua participação no VAF estadual, ao extremo de apresentar, em 2000, o menor valor entre as dez mesorregiões paranaenses. Apesar da diminuta intensidade do crescimento regional, a atividade agrícola manteve seu dinamismo, com as transformações da base técnica superando os problemas de baixa fertilidade natural dos solos e alterando a pauta de produtos na direção das *commodities* (soja, trigo e, mais recentemente, milho) e de matérias-primas industriais (algodão e cana). Nos anos 90, a Centro-Occidental consolidou-se como uma das principais mesorregiões produtoras de grãos no Estado, participando com cerca de 12% do total estadual. Por outro lado, a cultura do algodão sofreu profundo revés, com grande impacto regional, dada sua importância pela demanda de trabalho agrícola.

A mesorregião Centro-Occidental apresentou a terceira maior taxa de desemprego e o menor crescimento relativo e absoluto do emprego formal, no período 1996/2001, registrando, inclusive, redução em Campo Mourão. Além disso, é a única mesorregião que, neste período, não teve nenhum segmento industrial com aumento expressivo de emprego.

Na matriz industrial da região destacam-se os segmentos açúcar e álcool, óleo/gorduras vegetais, algodão e mandioca. O segmento têxtil, ligado ao algodão, ainda mantém relevância, apesar da crise dos anos 90. No complexo agroindustrial, a Cooperativa Agropecuária Mourãoense (Coamo) tem uma atuação que extrapola os limites mesorregionais, constituindo-se no maior grupo exportador de produtos agrícolas e agroindustriais do Paraná.

Em relação às experiências institucionais de Ciência, Tecnologia e Inovação, destacam-se, em Campo Mourão, atividades de incubadora, apoiando empreendimentos de base tecnológica na área de equipamentos de saúde, e um hotel tecnológico, com projetos na área de alimentos e meio ambiente.

A mesorregião apresenta um sistema viário bastante articulado, revelando bom estado de conservação nas ligações com as mesorregiões Norte Central (PR-317) e Oeste (BR-369), e alguns trechos bem precários em direção ao Centro-Sul. A situação mais crítica é da BR-487, que liga Campo Mourão a Porto Camargo, na divisa de Mato Grosso do Sul.

3 Mesorregião Norte Central Paranaense

A mesorregião Norte Central se distingue pelo pioneirismo em termos da ocupação populacional, na etapa de forte expansão fronteiriça, e pelo estabelecimento de atividades produtivas dinâmicas nas áreas de fronteira estadual, fatos que, até meados dos anos 70, davam-lhe a liderança do crescimento da economia paranaense. A base desse processo foi a cultura do café, que se difundiu e assumiu, desde o início, um caráter dinâmico, assentada na pequena propriedade, estreitamente vinculada ao mercado.

Assim, no início da década de 1970 a mesorregião era a mais populosa do Paraná, particularmente em termos rurais, concentrando quase 1/4 da população estadual. A significativa contribuição da economia regional se expressava na elevada participação de 25,2% do VAF do Estado, em 1975. Posteriormente, a mesorregião registrou uma queda expressiva em sua participação, passando a representar, em 2000, 14,3% do total, situando-se na segunda posição em termos de geração de riqueza no Paraná. Essa redução relativa não resultou da perda de dinamismo da economia regional, mas principalmente do processo de concentração da atividade industrial na Região Metropolitana de Curitiba, que se tornou o *locus* preferencial da instalação de segmentos modernos da indústria.

Um novo cenário configurou-se na Norte Central, assentado na modernização agropecuária e no aprofundamento do processo de agroindustrialização. Sua base agropecuária manteve-se como uma das mais competitivas do Estado, tendo apresentado, na última década, importante expansão da produção e dos níveis de produtividade, reforçando sua articulação com a agroindústria e/ou o mercado internacional. Embora esse desempenho se deva em muito às culturas de soja e milho, há que se destacar o avanço recente de atividades que constituem alternativas para a produção familiar, particularmente a fruticultura. Outra característica importante da base produtiva é a sua organização em cooperativas, com estrutura gerencial e de mercado comparada à de grandes empresas, alicerçando parcela expressiva da produção agroindustrial da região e do Estado.

É importante ressaltar, no entanto, que grande parte desse dinamismo gerou efeitos perversos sobre o meio ambiente regional. As altas taxas de desmatamento (95% da área total da mesorregião), associadas às práticas de atividades agrícolas intensas, revelam o alto grau de comprometimento ambiental das florestas da região Norte Central. A este quadro crítico de conservação da biodiversidade acrescenta-se a ausência de Unidades de Conservação.

A mesorregião apresenta o segundo maior parque industrial do Paraná, que se particulariza pela diversificação, com importante participação dos gêneros alimentação, têxtil, mobiliário, açúcar e

álcool, além dos novos segmentos, especialmente os de agroquímicos e embalagens plásticas e equipamentos para instalações industriais e comerciais. Destaca-se a forte presença do setor serviços na região, com atividades fortemente concentradas em Londrina e Maringá, particularmente de segmentos que denotam importantes encadeamentos produtivos, como os serviços de transporte e de apoio à atividade empresarial, bem como de serviços sociais, como saúde e educação.

A rearticulação das atividades no espaço regional, decorrente, principalmente, do processo de modernização das atividades agropecuárias, imprimiu um baixo ritmo de crescimento populacional, ao longo das últimas décadas. Sem dúvida, o componente migratório, no cenário demográfico, teve um peso substantivo. Ainda que os ganhos populacionais das áreas urbanas tenham sido significativos, no cômputo geral a mesorregião apresentou perdas populacionais.

Internamente, houve um deslocamento populacional em direção aos municípios mais dinâmicos, resultando na conformação de duas importantes aglomerações urbanas, que se articulam através de um eixo intensamente urbanizado. Os pólos Londrina e Maringá apresentam, na hierarquia da rede urbana brasileira, níveis de centralidade caracterizados como muito fortes, articulando uma grande área que abrange parte do interior paranaense e adentra os Estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo.

A Norte Central tem o segundo maior contingente de população ocupada entre as mesorregiões do Estado, com o maior número de pessoas ocupadas em atividades agrícolas, embora essas atividades tenham um peso relativamente pequeno, comparativamente a outras mesorregiões, em sua estrutura ocupacional. Em relação a esta estrutura, a mesorregião destaca-se por apresentar a maior participação da indústria de transformação no total da ocupação, e o crescimento do emprego formal superior à média do Estado, tendo absorvido 23% do incremento estadual verificado no período 1996/2001.

A mesorregião possui um ambiente de Ciência, Tecnologia e Inovação consolidado, particularmente na área de agropecuária e agronegócio. Além disso, observa-se uma expressiva estrutura de ensino superior, que se traduz na diversidade de instituições envolvidas, com destaque para as universidades estaduais, e de cursos ofertados, chamando a atenção o crescimento de cursos em nível de pós-graduação.

O sistema rodoviário da mesorregião é formado por dois grandes eixos, o da BR-376 e o que resulta da junção das rodovias BR-369, PR-317 e BR-158. De modo geral, constatam-se condições satisfatórias de tráfego, particularmente nas áreas que concentram maior volume de produção. Na porção sul da mesorregião, onde predominam produtores tradicionais e menor oferta de produção, é nítida a carência de rodovias. A mesorregião consiste em área de convergência de ramais ferroviários e possui, ainda, uma significativa estrutura aeroportuária.

Os indicadores relativos à dimensão social apontam para a forte heterogeneidade entre os municípios. De modo geral, o conjunto de municípios que compõem o eixo Londrina-Maringá apresenta as situações mais favoráveis em termos do IDH-M, com algumas exceções em municípios periféricos aos pólos. A porção sul, com proporção ainda importante de residentes rurais, reúne a maior parcela de municípios em posições mais desfavoráveis quanto aos diversos indicadores sociais. Ao norte/noroeste da mesorregião observa-se um comportamento intermediário em termos da situação social da população.

Entre os componentes do IDH-M, a diferenciação está bastante relacionada à variável renda *per capita*, com apenas três municípios situando-se em patamar superior ao verificado para o Estado, e, em alguns municípios da porção sul, inferior ao salário mínimo. Esse componente expressa as dificuldades de crescimento das economias locais, afetando as condições de vida da população.

Verifica-se, ainda, déficit relacionado ao esgotamento sanitário, bastante distante dos níveis de atendimento observados em relação ao abastecimento de água. No caso da educação, apesar do avanço no sentido da universalização do ensino fundamental, verifica-se a necessidade de ampliar a oferta dos demais níveis de ensino, principalmente educação infantil e de nível médio, assim como criar condições de incorporar parte expressiva da população adulta que continua na condição de analfabeta.

4 Mesorregião Norte Pioneiro Paranaense

A mesorregião Norte Pioneiro foi ocupada a partir de meados do século XIX como resultado da política imperial, que visava integrar a então província de Mato Grosso ao litoral brasileiro, e da frente pioneira. O adensamento populacional da região só ocorreu a partir do início do século seguinte. A urbanização foi pouco concentradora, guardando marcas de uma ocupação caracterizada pela proliferação de núcleos urbanos na região. Em 2000, nenhum de seus municípios apresentava população igual ou superior a 50 mil habitantes, nem exercia centralidade expressiva no âmbito da rede urbana do Estado. Ainda assim, no âmbito intra-regional, sobressaem os municípios de Cornélio Procópio, Jacarezinho e Santo Antonio da Platina.

O intenso desmatamento ocorrido a partir da expansão cafeeira fez com que restasse, atualmente, apenas 5,3% da cobertura florestal original. Apesar de existirem várias unidades de conservação, a área total legalmente protegida é muito pequena, com risco para a manutenção do estoque da diversidade ainda existente.

Se durante a expansão cafeeira a região absorveu importante contingente populacional, fato que a colocava, em 1970, como uma das mesorregiões mais populosas do Estado, a crise dessa cultura, iniciada ainda nos anos 60, teve profundo impacto sobre a dinâmica demográfica regional. Com cerca de 70% dos solos considerados aptos ao desenvolvimento de práticas agrícolas mecanizáveis, a transição do café para novas culturas e formas de produção voltou-se à produção de *commodities* (soja/trigo) e cana, com alto nível de incorporação tecnológica; à pecuária extensiva em áreas com restrições físicas ao novo padrão de agricultura; e, em menor proporção, ao reflorestamento. Essas atividades necessitaram grandes extensões de terra e reduzida mão-de-obra, tendo por conseqüência o êxodo rural. Entre 1970 e 2000, a mesorregião apresentou saldos migratórios negativos e elevados no meio rural, e o crescimento urbano não compensou essa perda populacional.

Observam-se queda nos níveis de fecundidade e redução no nível de mortalidade, com a conseqüente alteração do perfil etário da população: decréscimo na participação dos grupos etários

mais jovens e elevação da participação da população adulta e idosa. Entretanto, a intensidade do processo migratório e sua seletividade acentuaram o ritmo de envelhecimento regional.

A evolução do IDH-M, na última década, foi positiva na maioria dos municípios. Mesmo assim, mostrou-se insuficiente para alterar o quadro social ainda crítico: apenas Cornélio Procópio e Barra do Jacaré posicionam-se acima do IDH-M médio estadual; e na área educacional, que mais contribuiu para a melhoria do IDH-M na última década, a maioria dos municípios apresenta taxas de frequência escolar e de alfabetização também abaixo da média do Paraná.

O perfil de mortalidade geral da população da mesorregião Norte Pioneiro acompanha o padrão estadual, com maior peso dos óbitos decorrentes de causas do aparelho circulatório, neoplasias e aparelho respiratório, destacando-se também o peso elevado das causas externas. No que se refere à mortalidade infantil, a metade dos municípios, principalmente na porção sul da mesorregião, apresenta níveis de mortalidade superiores à média estadual.

Relativamente ao saneamento básico, a região reproduz o distanciamento entre a cobertura dos serviços de esgotamento sanitário e a cobertura dos serviços de água e coleta de lixo, estes próximos do atendimento universal no meio urbano. Reproduz também a maior precariedade dos serviços no meio rural.

A Norte Pioneiro constitui uma das mesorregiões com menor peso da indústria na absorção da força de trabalho, a qual não apresenta participação expressiva no total da ocupação em nenhum de seus municípios. O mercado regional de trabalho ainda é fortemente dependente das atividades agrícolas, com mais de 1/3 do total de ocupados. A região apresenta, também, baixo dinamismo na geração de postos de trabalho, observando-se, inclusive, desempenho negativo em alguns dos maiores municípios, quanto à evolução recente do emprego formal.

Esse baixo dinamismo reflete um longo processo de crescimento aquém ao da média estadual, fato que se expressa na acentuada queda da participação da mesorregião no VAF do Estado. Apesar da expansão dos estabelecimentos industriais, registrada no período 1995/2002, a indústria regional se caracteriza pela presença de segmentos com baixa capacidade de agregação de valor. Alguns segmentos, contudo, merecem destaque por sua importância no Estado, como é o caso da indústria sucroalcooleira, ou por revelar maior dinamismo no período recente, a exemplo das indústrias de café, derivados de milho e vestuário.

Na agropecuária, destaca-se o desempenho de algumas *commodities* e matérias-primas industriais, como a cana, soja e milho, bem como o incremento na produção de alguns hortifrutigranjeiros, como alternativa para segmentos da produção familiar. A região mantém-se como a principal produtora de café no Estado, apesar da forte redução verificada na última década.

As experiências institucionais de Ciência, Tecnologia e Inovação são incipientes e fundamentalmente concentradas em Cornélio Procópio, em grande parte voltadas para apoiar projetos de base tecnológica com potencial de desenvolvimento.

Em termos de infra-estrutura viária, a malha rodoviária da mesorregião articula-se a partir dos eixos de ligação com o norte central paranaense e São Paulo (BR-369), apresentando melhor condição de trafegabilidade, e de conexão com o sul do Estado, dando acesso à capital e ao Porto de Paranaguá. Este segundo eixo apresenta vários trechos com condições precárias de tráfego. A malha ferroviária, atualmente, não realiza operações de transporte de carga ou passageiros.

5 Mesorregião Centro-Oriental Paranaense

A mesorregião Centro-Oriental integra uma vasta área do chamado “Paraná Tradicional”. Sua economia e sociedade se organizaram fundamentalmente a partir de grandes fazendas que sustentaram os ciclos econômicos do tropeirismo, da erva-mate e da madeira, complementados por um setor de produção de subsistência, em pequenas áreas. As atividades de caráter extrativo e a pecuária, que caracterizaram até recentemente a economia regional, gradativamente incorporaram inovações, consolidando uma produção agropecuária com alto grau de articulação com as agroindústrias instaladas na região e/ou com o mercado nacional e internacional. A grande marca que permanece desse processo de ocupação é o elevado nível de concentração da posse da terra.

As restrições naturais de fertilidade, profundidade do solo, relevo ondulado, que dificultam a expansão de lavouras, favorecem a utilização das terras com matas e florestas, nos grandes estabelecimentos, sendo que a região se destaca pela presença de extensas áreas de reflorestamento de pinus. Ao lado desse uso predominante, parte dessas terras está sendo direcionada para a produção intensiva de *commodities* e matérias-primas que tendem a garantir mercado e rentabilidade para os proprietários.

A situação de entroncamento rodoferroviário, a proximidade com o porto de Paranaguá e a qualidade da malha viária estiveram na base da conformação do parque agroindustrial regional, assentado na indústria de papel e papelão – conformando um dos mais importantes pólos do País – , na produção de leite e derivados, e no grupo agroquímico-moageiro, ancorado pelos segmentos de moagem de soja e produção de fertilizantes. Na segunda metade dos anos 90, a localização estratégica em relação a Curitiba, aliada à consolidação da infra-estrutura urbano-industrial, constituíram fatores de particular importância para incorporar novos segmentos, resultado dos efeitos irradiados pelo crescimento metropolitano recente.

Na década de 70, o processo de modernização da agricultura possibilitou aos produtores da região, particularmente os pertencentes às colônias e organizados em cooperativas, assim como os grandes proprietários, alavancar uma produção intensiva em capital, superando os entraves naturais de baixa fertilidade e solos pouco profundos. As atividades se transformaram, qualificaram e atingiram patamares elevados da produção agropecuária, consolidando um importante segmento agroindustrial do Estado. A pauta agrícola regional incorporou, ainda, a produção de soja combinada com o trigo, e também do milho, importante componente da alimentação dos rebanhos leiteiros.

Essa dinâmica econômica da região não tem se refletido sobre o mercado de trabalho de forma positiva. Dentre as mesorregiões, esta apresenta a menor taxa de atividade da população economicamente ativa e a segunda maior taxa de desemprego. Um dos fatores relacionados a esse quadro é a proporção relativamente baixa de ocupados em atividades agropecuárias. Outro fator que merece destaque diz respeito ao ritmo de crescimento do emprego formal. Diferenciada por um mercado de trabalho com elevada taxa de formalização e significativo contingente desses trabalhadores, a mesorregião apresentou uma variação do nível de emprego, no período 1996/2001, inferior à média estadual.

Desde os anos 70 verifica-se na mesorregião um incremento populacional significativo, fortemente concentrado em Ponta Grossa. No período recente ocorreram perdas de população rural, mas as áreas urbanas permaneceram crescendo de forma expressiva, elevando o peso populacional do Centro-Oriental no total do Estado. As migrações vêm contribuindo nesse cenário: os fluxos de saída de população são em grande parte compensados pelos fluxos de entrada, com predominância daqueles vindos de outras regiões do Paraná. Esse processo de crescimento da população vem reforçando o caráter urbano do Centro-Oriental, que, nos anos 70, era a única região do interior do Estado a ultrapassar os 50% de grau de urbanização. Atualmente, apenas os municípios de Reserva e Ortigueira permanecem de tipo rural, condição reforçada pela presença de áreas destinadas a reservas indígenas e assentamentos rurais.

O IDH-M confirma as dificuldades em se alcançar um padrão de desempenho no patamar médio paranaense. À exceção de Ponta Grossa, que faz parte do pequeno conjunto de 23 municípios paranaenses considerados de alto desenvolvimento, os demais apresentam esse indicador inferior ao do Estado. O grau de instrução da população de 15 anos ou mais de idade, alcança a média de sete anos em Ponta Grossa, enquanto em outros municípios chega apenas a quatro. O indicador de mortalidade infantil, bastante expressivo das condições de saúde, educação e saneamento, apresenta-se elevado em grande número de municípios. São também deficitários os serviços adequados de esgoto, bastante defasados dos níveis de atendimento relativos à rede de abastecimento de água.

Evidenciando o grau de desigualdade social e regional, poucos municípios apresentam taxas de pobreza inferiores à média do Paraná e alguns registram o dobro dessa média. No caso desses municípios, em particular, o atendimento às demandas sociais encontra maiores limites, considerando que a composição das finanças municipais guarda extrema dependência de transferências do governo federal.

Há que se ressaltar que a mesorregião possui fatores com forte potencial de desenvolvimento socialmente mais harmonioso. A diversificação da matriz produtiva possibilita a maximização das vocações locais, bem como a abertura para a entrada de novos segmentos que possam ampliar ou complementar as cadeias existentes. Destaca-se o elevado potencial para o turismo, dado o importante patrimônio histórico-cultural, atrativos naturais peculiares em função do relevo contrastante e biomas diversificados, com ênfase ao *canyon* Guartelá e ao Parque Estadual de Vila Velha, como sítios naturais de grande valor turístico.

As contribuições das entidades organizadas em torno de experiências de Ciência, Tecnologia e Inovação, assim como das instituições de ensino e pesquisa, representam perspectivas de crescente intercâmbio com a base produtiva regional.

6 Mesorregião Oeste Paranaense

A mesorregião Oeste destaca-se por uma expressiva dinâmica, que tem se mostrado capaz de contrabalançar as fortes tendências de concentração econômica e populacional do Estado rumo à Região Metropolitana de Curitiba. Embora convivendo com intensos fluxos migratórios marcados por trocas intra e inter-regionais, bem como interestaduais, refletindo em especial o movimento de saídas rurais, sustenta um ritmo de crescimento que contribui para um maior equilíbrio regional do Estado.

Tais condições são visíveis sobretudo na capacidade de crescimento econômico e populacional, que, embora concentrado em Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo, conta com o suporte de uma expressiva rede de cidades, fortalecida pela tendência de conformação de dois eixos mais dinâmicos e de importante aglomeração urbana em área de fronteira internacional. Essa característica, que vem formatando os espaços concentradores nacionais e regionais, impõe uma atenção particular dos gestores para administrar os inúmeros e complexos processos decorrentes de relações intermunicipais, realizadas cotidianamente pela população para atender a suas necessidades de trabalho, estudo e outras demandas, dissociadas do município de moradia.

O sistema viário da mesorregião Oeste vem gradativamente se ampliando e conta com uma significativa malha de rodovias – que dá suporte a importante rota de turismo nacional e internacional –, que, juntamente com um ramal ferroviário, cumprem funções de integração regional, com expressiva circulação de mercadorias. De modo geral, observa-se que a qualidade das rodovias vem permitindo condições satisfatórias de tráfego. A presença de um aeroporto de porte internacional no município de Foz do Iguaçu privilegia a mesorregião. Ao lado de vantagens de ampla e moderna conexão, é fator que viabiliza um expressivo e crescente fluxo turístico, traduzindo-se, sem dúvida, em um suporte diferenciado para a economia regional.

Do ponto de vista social a mesorregião oferece referências bastante significativas quanto à possibilidade de avanços, mas também expõe o grau de desafio ainda presente para elevar o patamar da qualidade de vida da maioria de seus municípios. Desponta concentrando 11 dos 23 municípios nas melhores posições do Estado em termos de Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, localizados, principalmente, na porção oeste da mesorregião. Corroborando esse perfil, situa-se entre as mesorregiões paranaenses com menor taxa de pobreza. Em sentido oposto, encontram-se na mesorregião muitos municípios com esses índices entre os piores do Estado. A persistência dessas disparidades é de certo modo incompatível com o fato de que, em grande medida, as possibilidades de sua correção com conseqüentes ganhos no IDH-M estão fortemente associadas a investimentos do poder público em áreas tradicionais de saúde e educação, ambas dispendo de recursos e estruturas que tendem para o atendimento universalizado.

Como fator que exerce maior influência na qualidade de vida, o mercado de trabalho regional vem apresentando significativa expansão do emprego formal, com ocorrência generalizada em todos os municípios. Contribuem, ainda, nesse sentido, as condições edafo-climáticas excepcionais e os efeitos indiretos proporcionados por uma moderna base produtiva agropecuária, que tem sido capaz de compatibilizar uma agricultura pautada em mão-de-obra familiar a um alto desempenho produtivo. Comandada pelo desenvolvimento sobretudo do agronegócio cooperativado, a região vem sustentando ganhos crescentes frente à economia estadual em atividades do setor primário. Vale lembrar que, em 2000, no interior do Estado, apenas as mesorregiões Oeste e Norte Central contribuíram com proporções superiores a 10% no VAF estadual.

A par de uma estrutura produtiva que já atingiu patamares de elevada complexidade e, portanto, em condições de reunir importantes forças internas na articulação de interesses privados, há fatores de ordem ímpar a serem apropriados na perspectiva inovadora de desenvolvimento regional. Inicialmente, o Parque Nacional do Iguaçu, as Cataratas do Iguaçu e o reservatório da Usina de Itaipu podem ser entendidos como importantes atributos no âmbito da política nacional e internacional de meio ambiente e turismo, tendo sua atratividade viabilizada pela existência do aeroporto internacional e de um extraordinário parque hoteleiro. O aparato de Ciência, Tecnologia e Inovação disponível, bem como uma estrutura universitária atuante e em expansão, podem ser facilmente articulados em apoio às intervenções governamentais comprometidas com a inclusão social. Adicionalmente, um expressivo conjunto de prefeituras se diferencia pela disponibilidade de uma fonte de receita extraordinária constituída pelos recursos de *royalties*, principalmente os provenientes pela geração de energia de Itaipu, e que abrem oportunidades inigualáveis para a exploração de uma ampla gama de experiências inovadoras na gestão local que podem representar, para outros municípios desta e de outras regiões, modelos a serem replicados.

7 Mesorregião Sudoeste Paranaense

A mesorregião Sudoeste Paranaense representa um espaço socioeconômico-cultural singular, no comparativo mesorregional do Estado. Detendo pequena base de população, 4,9% do total estadual, é a segunda mesorregião menos urbanizada do Paraná. Revela, porém, um perfil social relativamente menos heterogêneo, evidenciando um bom desempenho no tocante à maioria dos indicadores que apresenta.

Constituindo uma das últimas áreas de ocupação do Estado, a Sudoeste é, talvez, a mesorregião que melhor se caracteriza como importante reduto da agricultura familiar, mesmo tendo passado por grande transformação na sua base produtiva, com a introdução de novas práticas de cultivo a partir da expansão da soja. Este fato é explicado, em grande parte, pela disponibilidade de terras férteis conjugada ao relevo acidentado, que, ao dificultar a mecanização da agricultura em grande escala, representou uma proteção natural à agricultura familiar. Adicione-se a isso a importância cultural do modo de produzir

trazido pelos colonos gaúchos e catarinenses, que priorizou a pequena produção diversificada. Esse modo de produzir perpassa todas as relações sociais e econômicas e acaba por se constituir em uma referência na elaboração de propostas e projetos de reordenamento territorial. Soma-se a estes aspectos uma trajetória, sempre renovada, de organização dos produtores, visando ao acesso à terra e sua permanência enquanto importante categoria no quadro social da região.

É importante ressaltar que, do ponto de vista estritamente ambiental, a produção intensiva em pequenas propriedades representou uma pressão acentuada sobre as áreas disponíveis, o que contribuiu para um avanço das atividades sobre áreas de florestas, revelando um alto grau de comprometimento ambiental da região e escassas áreas de florestas protegidas por Unidades de Conservação de Proteção Integral. A presença de grandes usinas hidroelétricas na região, por um lado potencializa recursos cruciais à economia mas, por outro, agudiza a situação de fragilidade ambiental que ocorre no rio Iguaçu, destacadamente o trecho que recorta a região.

Apesar das características marcadamente rurais da mesorregião, os indicadores populacionais apontam para um estágio relativamente avançado de transição demográfica, normalmente verificado em áreas mais urbanizadas. Sua estruturação urbana, também mais equilibrada, favoreceu a consolidação de dois centros com funções diversificadas e de maior expressão, Pato Branco e Francisco Beltrão, e outros mais especializados em funções voltadas às atividades da agroindústria.

Em relação ao desempenho social, verifica-se que a maioria dos municípios ocupa posições intermediárias no *ranking* estadual do IDH-M, ressaltando-se que, dos 23 municípios do Paraná com IDH-M acima da média estadual, 6 encontram-se no Sudoeste, com destaque para Pato Branco, que ocupa a terceira posição paranaense. O bom desempenho municipal quanto ao IDH-M é reflexo, principalmente, do componente educação. Em grande parte dos municípios, a taxa de escolarização, nos níveis fundamental e pré-escolar, encontra-se acima da média estadual. A região também se destaca pelos avanços observados em relação à política de saúde e é uma das poucas mesorregiões a registrar mudanças positivas na renda *per capita*. No entanto, 1/4 das famílias ainda se encontra em condições de pobreza.

Nos anos 90, o Sudoeste registrou a maior taxa de atividade e a menor taxa de desemprego entre todas as mesorregiões paranaenses, bem como um crescimento do emprego formal acima da média estadual, fatores que, certamente, condicionam parcela significativa do seu bom desempenho geral. No entanto, devido ao fato de a região possuir perfil econômico especializado numa produção agropecuária de pequenos e médios produtores, em atividades de baixa agregação de valor, ela se mantém estável, ocupando a 7ª posição quanto à participação no VAF do Estado, apesar de ter ganho duas posições durante a década de 90.

O setor industrial apontou incremento significativo na oferta de postos de trabalho durante a década de 90, muito provavelmente como reflexo da política peculiar de desenvolvimento adotada, que se caracteriza pela busca de alternativas de produção. Nesse sentido, as prefeituras vêm desempenhando papel importante quanto a incentivos fiscais e implementação de novos distritos

industriais. Como tendências, há sinais de diversificação na matriz produtiva da mesorregião, especialmente com a expansão dos setores metalúrgico e eletroeletrônico.

A infra-estrutura viária da mesorregião expressa a intensa fragmentação da mesma em municípios de pequenas dimensões geográficas e a conseqüente proximidade entre as respectivas sedes. O mais importante acesso se dá por meio da BR-373, que promove o escoamento de boa parte da produção regional, e que se complementa com uma densa malha de estradas, predominantemente municipais, numa configuração radial das rodovias.

Na mesorregião, importantes instituições no âmbito da Ciência, Tecnologia e Inovação se distinguem pela histórica contribuição em termos de ações de desenvolvimento, difusão tecnológica e assessoramento às organizações dos produtores, buscando, assim, viabilizar a produção familiar na agropecuária. Tais instituições representam, de fato, possibilidades de um crescente intercâmbio com a base produtiva, potencializando perspectivas de desenvolvimento regional.

8 Mesorregião Centro-Sul Paranaense

A mesorregião Centro-Sul teve sua história de ocupação e organização do espaço assentada em grandes propriedades rurais que desenvolveram, fundamentalmente, atividades de cunho extensivo e extrativo. Nas últimas décadas, devido à existência de áreas economicamente subutilizadas, uma frente de ocupação se estabeleceu na região, com populações oriundas predominantemente do norte e oeste do Paraná. A modernização agropecuária somente se intensificou a partir dos anos 80, quando também se fortaleceu sua integração com outras áreas mais dinâmicas do Estado.

A região possui 15% da cobertura florestal remanescente do Paraná, contendo ainda importante área de reflorestamento. Esse remanescente serve de hábitat a 45% das espécies de mamíferos e 46% das aves presentes no Estado, muitas delas sob risco de extinção. O Vale do Iguaçu, com suas florestas, serve de dispersor da biodiversidade regional; porém, a presença de inúmeros represamentos e usinas hidroelétricas vem provocando o comprometimento de várias espécies endêmicas de peixes.

Recortada por poucos municípios, entre os quais se destacam Guarapuava e Palmas, a mesorregião apresenta baixa densidade de ocupação, pequena base populacional e mantém-se como uma das regiões menos urbanizadas, contribuindo com um dos maiores volumes na composição da população rural do Estado. Essa característica é reforçada também pelo elevado número de assentamentos rurais (34% das famílias assentadas no Paraná) e áreas indígenas (62%).

Comparando-se às demais, a mesorregião encontra-se em estágio menos avançado de transição demográfica, apresentando, no início dos anos 90, o mais elevado nível de fecundidade e os menores índices de expectativa de vida ao nascer. Em 2000, a maioria dos seus municípios registrou taxa de mortalidade infantil superior ao coeficiente estimado para o Estado. Do mesmo modo, em termos relativos, a presença de idosos na composição etária da mesorregião é ainda incipiente, elemento indicativo de uma população preponderantemente jovem.

O Centro-Sul apresenta os indicadores sociais em condições comparativamente desfavoráveis. Todos os municípios registram IDH-M abaixo da média paranaense, desempenho que se repete quanto aos componentes do índice, sendo o da renda *per capita* mais crítico. O ritmo de implementação das políticas públicas, na região, não foi suficiente para propiciar ampla cobertura dos serviços básicos de educação e saúde. Ademais, a grande dificuldade na geração de emprego e renda faz com que nenhum município tenha renda média superior à do Estado: sete dos dez municípios mais pobres do Paraná estão localizados nessa mesorregião, na qual 1/3 das famílias é pobre.

A estrutura ocupacional da mesorregião é marcada pelo elevado peso da ocupação em atividades rurais (39% dos ocupados). As ocupações industrial e terciária encontram-se fortemente concentradas em Guarapuava, que concentra também a maior parte das pessoas desocupadas na região. O crescimento recente do emprego formal foi marcado pelo incremento verificado nos menores municípios, ligado a atividades do setor público, possivelmente como reflexo da instalação de 17 novas municipalidades na última década.

Em termos gerais, a economia da região vem mostrando ganhos de participação no VAF do Estado, passando da 8ª posição entre as mesorregiões, em 1975, para a 5ª, em 2000. Todavia, esses ganhos não foram igualmente distribuídos, encontrando-se fortemente concentrados em poucos municípios. Tampouco se expressaram socialmente, já que baixos indicadores confirmam a desigualdade social na região.

Esse fato guarda associação a características de sua base produtiva, em que a estrutura fundiária é das mais concentradas do Estado e polarizada entre grandes e pequenas propriedades. Embora conte com a presença de produtores de *commodities*, que vêm apresentando expressivo aumento de produtividade, é significativa a produção familiar, caracterizada, porém, por baixos rendimentos, inclusive quando comparados com o mesmo segmento em outras regiões do Paraná. Também sua organização em cooperativas, salvo exceções, vem sofrendo sucessivas crises, sem conseguir o mesmo peso econômico verificado em outras mesorregiões.

Quanto às atividades industriais, além da baixa diversificação setorial, seu dinamismo tem sido insuficiente para a absorção da população. Porém, como tendência, verifica-se que a indústria madeireira vem se modernizando, com a chegada de novos segmentos, como a produção de lâminas e chapas, e que outros segmentos vão ganhando importância, como o mobiliário, o de químicos diversos (particularmente na produção de resinas para a indústria madeireira), vestuário e embalagens plásticas.

As finanças municipais reproduzem o padrão estadual de composição da receita, com os municípios menores fortemente dependentes das transferências federais, e, em menor escala, das estaduais, não dispendo de potencial na arrecadação de tributos próprios. Mesmo Guarapuava, com maior disponibilidade de recursos próprios, ainda mantém um percentual inferior ao observado em municípios de mesmo porte no Estado.

Em termos de infra-estrutura viária, a mesorregião conta com um importante eixo, a rodovia BR-277, que vem se consolidando como fator de adensamento populacional. Chama atenção a baixa

densidade da malha rodoviária, com as ligações intermunicipais feitas através de precárias rodovias secundárias. Quanto à presença da Ferroeste, há a necessidade de melhorias em sua trafegabilidade, de modo a ampliar seu papel na rede viária regional e estadual.

As experiências institucionais de Ciência, Tecnologia e Inovação são recentes e, a exemplo das demais mesorregiões, encontram-se concentradas no pólo regional, Guarapuava.

9 Mesorregião Sudeste Paranaense

Localizada em sua maior parte no Segundo Planalto Paranaense, a mesorregião Sudeste é uma das áreas de ocupação mais antigas do Paraná e, no período de forte imigração estrangeira para o Brasil, recebeu importantes fluxos de colonos, principalmente de origem eslava, que, assentados em pequenas propriedades, dedicaram-se a atividades extrativas e à pequena agricultura alimentar.

A Sudeste possui uma das menores bases populacionais entre as mesorregiões paranaenses e seu processo de transição demográfica tem sido mais lento, apresentando um nível de fecundidade superior à média do Estado, índices de expectativa de vida ao nascer ligeiramente mais baixos e um grau de envelhecimento menos acentuado. É também a mesorregião menos urbanizada do Paraná, com 46% de sua população vivendo ainda em áreas rurais.

Sua estruturação urbana obedece a um padrão de fraca concentração: somente Irati possuía, em 2000, população acima de 50 mil habitantes. União da Vitória reforça a abrangência de sua polarização ao configurar uma aglomeração de fronteira com Porto União, município catarinense.

Do ponto de vista ambiental, a Sudeste é a terceira mesorregião quanto à contribuição para o estoque florestal do Estado e, mais importante, ela concentra a maior reserva de Floresta de Araucária, com grandes extensões localizadas em propriedades particulares. Destaca-se, também, por dispor da terceira maior área de reflorestamento do Paraná. A despeito disso, a região não apresenta um percentual significativo de Unidades de Conservação de Proteção Integral, mas concentra Áreas Especiais de Uso Regulamentado para o Sistema Faxinal, que, no caso da região, dedicam-se à exploração combinada de erva-mate e de pastagens.

A Sudeste compõe o grupo das mesorregiões com menor contribuição para a renda da economia do Estado, porém se distingue pela maior estabilidade de sua participação, o que indica capacidade de acompanhar a dinâmica estadual, fortemente determinada pelo ritmo de crescimento da mesorregião Metropolitana de Curitiba. Na base do desempenho econômico regional ressalta-se a peculiaridade que combinou o crescimento das atividades já existentes com a absorção de novos segmentos. O perfil industrial da região conserva a forte predominância do complexo madeira, consolidando, mais recentemente, a indústria de cerâmica, beneficiada pela possibilidade de exploração do gás derivado do xisto e pelas reservas de argila. Em relação à indústria de alimentos, o processamento da erva-mate continua a ocupar posição de destaque e, com as cooperativas, ampliam-se as atividades

de agroindustrialização (arroz, mandioca, trigo, milho e, sobretudo, leite). Ao lado destes, o fumo persiste como atividade de forte concentração regional.

A evolução recente da agropecuária denota intensificação da produção via aumento de produtividade dos principais produtos regionais. Esse desempenho contribuiu para uma alteração na pauta dos produtos, ascendendo culturas como soja, milho, erva-mate e fumo, sem, contudo, as demais, como a batata e o feijão, apresentarem redução. Verifica-se certa estabilidade na estrutura fundiária regional, conservando elevada participação de produtores familiares.

A dinâmica da economia regional também se expressa no mercado de trabalho. A região registrou, no período 1996/2001, a maior variação relativa do emprego formal. Ainda, no ano 2000, apresentou uma das menores taxas de desemprego do Estado.

Os vários indicadores que expressam a qualidade de vida da população realçam, porém, certos traços de precariedade, que se traduzem em desafios sociais a serem superados. A mesorregião apresenta a mais baixa cobertura dos serviços de abastecimento de água e de coleta de lixo do Estado, ainda que entre as melhores posicionadas, frente às demais mesorregiões, em relação ao serviço de esgotamento sanitário rural.

À exceção de União da Vitória, todos os municípios apresentam IDH-M inferior ao índice médio do Paraná. Na maioria dos municípios, a taxa de escolarização indica, comparativamente a outras mesorregiões, baixa frequência à escola por parte das crianças e jovens. A mortalidade infantil apresenta-se, na maioria dos municípios, com coeficientes superiores ao do Estado. A renda *per capita* dos municípios fica abaixo da média do Paraná, exceto em União da Vitória. Em 1/3 deles, a taxa de pobreza encontra-se em níveis superiores a 40% – mais que o dobro da média estadual.

Maiores aportes na atenção a demandas sociais encontram limites na composição das finanças municipais, que, em todos os municípios, qualquer que seja o tamanho de sua população, guardam dependência dos recursos advindos das transferências, tanto do governo federal, como estadual.

A infra-estrutura viária da mesorregião está consolidada a partir da Rodovia do Xisto, considerada um importante eixo de ligação com Curitiba e o Porto de Paranaguá. A rodovia BR-277 alcança apenas a sede municipal de Irati. No sentido norte/sul, a BR-153, que interliga diversos municípios da região, apresenta estado de conservação predominantemente ruim, prejudicando sua função de via de ligação intra-regional.

10 Mesorregião Metropolitana de Curitiba

A mesorregião Metropolitana de Curitiba peculiariza-se por uma nítida compartimentação de seu território, não só associada às suas características naturais, como ao processo de apropriação e reprodução do espaço, materializado em uma urbanização fortemente concentrada em alguns pontos de seu território.

As características geomorfológicas, florísticas e faunísticas permitem identificar as sub-regiões fisiográficas dos planaltos, das serras e a Planície Litorânea. Sua diversidade ambiental compõe-se de uma gama de biomas cuja influência transcende os limites mesorregionais e estaduais. A mesorregião é habitat de 68% da biodiversidade de mamíferos do Paraná, sendo a maioria das espécies dependente das florestas e formações pioneiras, e, também, de 48% da avifauna do Estado. As baías costeiras são ecossistemas estuarinos de grande importância, com extensões expressivas de manguezais. Essas áreas, porém, estão sob forte pressão de atividades pesqueiras, portuárias e turísticas.

A ocupação urbana, a atividade agropecuária e a expansão da indústria provocaram redução nos recursos florestais, restando, em 2000, 37% da cobertura original – mesmo assim, em proporção mais elevada que em outras mesorregiões do Estado. A manutenção dessa cobertura deveu-se às dificuldades de uso e ocupação em áreas de serra e à presença de grandes extensões de solos inaptos ao uso agropecuário (74%), recomendando-se, para certas áreas, apenas o reflorestamento (que ocupa 5,7% da área total da mesorregião). A par disso, nas últimas décadas foi estabelecido um conjunto de restrições legais ao uso dos recursos naturais, visando à preservação e conservação da cobertura florestal, tanto por sua importância para manter a biodiversidade, como para garantir a qualidade das águas dos mananciais de abastecimento. Resulta que, atualmente, 44,3% do território da mesorregião está sob proteção de Unidades de Conservação, sendo 41 unidades de Proteção Integral, 18 unidades de Uso Sustentável, além de uma área federal de Terra Indígena, em Paranaguá.

Nas aglomerações urbanas, em especial no aglomerado metropolitano (constituído pelos municípios de Curitiba, Almirante Tamandaré, Araucária, Campo Largo, Campo Magro, Campina Grande do Sul, Colombo, Fazenda Rio Grande, Quatro Barras, Pinhais, Piraquara e São José dos Pinhais), o principal conflito se dá entre a expansão urbana e a preservação dos recursos hídricos, registrando-se, nos mananciais de abastecimento, a presença de rios com águas bastante comprometidas. O aquífero Karst, situado ao norte da região, também sofre pressões, além de apresentar dificuldades naturais para exploração, restringindo as formas e a quantidade de captação.

A preservação dos recursos hídricos e da biodiversidade da região depende de formas adequadas e controladas de manejo. Sua complexidade impõe desafios à gestão metropolitana, uma vez que tais problemas vão além das competências político-administrativas peculiares dos municípios e propiciam conflitos econômico-socioambientais quanto ao uso dos recursos.

O processo de concentração de população e atividades, que particulariza essa região, intensifica-se a partir da década de 70, quando suplantou a participação da mesorregião Norte Central no total da população e na composição do VAF do Estado. Parte substantiva dos fluxos populacionais, decorrentes da intensa evasão ocorrida no meio rural do Paraná, convergiu para Curitiba e adjacências, em grande medida sob estímulos de um elenco de políticas nacionais de fomento ao desenvolvimento regional e urbano, entre elas a institucionalização da Região Metropolitana de Curitiba, a implantação da refinaria Getúlio Vargas, que está na origem do Centro Industrial de Araucária, e a criação da Cidade Industrial de Curitiba, onde se instalaram importantes plantas industriais, particularmente dos segmentos modernos da metal-mecânica.

Nos decênios seguintes, o ímpeto de crescimento urbano da mesorregião continuou elevado, particularmente na espacialidade que conforma o aglomerado metropolitano, o qual se destaca pela dinâmica de crescimento populacional, não apenas no Estado, mas também no conjunto das regiões metropolitanas brasileiras. Curitiba também se distingue como um pólo que não demonstra sinais efetivos de arrefecer seu crescimento, sendo ainda considerado um dos que mais crescem dentre os pólos desse conjunto de regiões. Em 2000, este aglomerado configura uma mancha única de ocupação, que concentra mais de 1/3 da população urbana paranaense.

Essa aglomeração metropolitana, juntamente com a ocupação contínua litorânea (Paranaguá, Matinhos, Guaratuba e Pontal do Paraná), e a extensão de seus efeitos na direção de Ponta Grossa, apontam para a conformação de um importante complexo urbano, reafirmando a dimensão concentradora na porção oriental do Estado.

Em contraposição às áreas de concentração, e marcando a heterogeneidade da mesorregião, municípios das porções correspondentes ao litoral norte, Vale do Ribeira e sul da aglomeração metropolitana caracterizam-se pela presença maior de população rural, baixo crescimento populacional, precariedade dos serviços sociais e nível incipiente de atividade econômica.

Nos anos 90, a economia regional passou por forte ajuste em sua estrutura produtiva, caracterizado pela reorganização de processos produtivos, aumento nos níveis de eficiência e de qualidade das empresas, além do redimensionamento da capacidade instalada em diversos ramos industriais. Além disso, a consolidação de infra-estrutura conferiu uma condição logística diferenciada, permitindo que a região se posicionasse como uma alternativa para novos investimentos, fortemente centrados em Curitiba e seu entorno imediato. Essas mudanças, em particular com a implementação do pólo automotivo, ampliaram a participação da mesorregião na produção estadual, representando, em 2000, 45,9% do VAF do Paraná.

Associada a essa mudança no setor industrial, ocorreu a ampliação da demanda por serviços e produtos de maior especialização, muitos dos quais viabilizados por capital internacional e voltados ao mercado global. O setor comercial também passou por acentuadas mudanças, marcadamente no comércio varejista, com a instalação de vários *shopping centers* e hipermercados, ampliando a oferta, alterando o perfil do fornecedor e do consumidor e implementando padrões internacionais de lojas e produtos.

Reforçando a centralidade da mesorregião, verifica-se a concentração de instituições de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado, que formam um conjunto bastante diversificado, envolvendo universidades, instituições de pesquisa, incubadoras e parques tecnológicos. Mais recentemente, destacam-se as iniciativas particulares ou não-governamentais dirigidas, principalmente, à apreensão e difusão de modernas áreas de serviços de informatização, gestão do conhecimento, *softwares* e qualidade da produção.

O rebatimento dos processos mencionados – forte incremento populacional, reestruturação produtiva, privatização – sobre o mercado de trabalho regional, em contexto nacional marcado por

ritmo de crescimento econômico irregular, reflete-se em um conjunto de indicadores que apontam elementos de forte pressão sobre a capacidade de absorção de mão-de-obra. A mesorregião Metropolitana de Curitiba apresentou a maior taxa de desemprego no Estado e uma das menores evoluções do emprego formal no período 1996/2001, tendo sido a única mesorregião onde a taxa de crescimento anual do emprego formal, nesse período, situou-se abaixo do incremento verificado na população em idade ativa e, também, aquela na qual essa população apresentou o maior crescimento. Neste sentido, o incremento ocupacional, em boa parte dos anos 90, foi fortemente marcado pela precarização do trabalho, com aumento do setor informal. Outro aspecto que particulariza esta região foi, nesse período, a perda expressiva de postos formais de trabalho em alguns segmentos econômicos, particularmente nos setores financeiro e construção civil.

Em que pesem essas dificuldades conjunturais, o mercado de trabalho da mesorregião Metropolitana de Curitiba apresenta, relativamente às demais mesorregiões do Estado, um nível maior de formalização do emprego, maior concentração de ocupações nos segmentos mais modernos da economia e, por conseqüência, as maiores oportunidades de rendimento para a parcela de trabalhadores ligados a estes segmentos, principalmente no aglomerado metropolitano.

As atividades agropecuárias envolvem um número de ocupados ainda significativo (71 mil pessoas). O mercado potencial do aglomerado metropolitano tem estimulado a que as áreas agricultáveis sejam destinadas à produção de olerícolas – convencionais e orgânicas –, frutas e flores; o litoral abriga atividades pesqueiras e outras atividades tradicionais que induzem ao turismo; e o Vale do Ribeira tem voltado a produção principalmente ao cultivo de tangerina. Novas atividades vêm se apresentando como alternativa para a exploração do espaço rural, como o turismo ecológico e gastronômico.

Mesmo contando com essas alternativas, a área rural da mesorregião Metropolitana de Curitiba polariza o limite mais precário na ordem das desigualdades sociais. Não bastassem as condições naturais adversas ao aproveitamento econômico, alguns municípios sofrem isolamento no que concerne às comunicações viárias, dada a precariedade de acessos.

A enorme disparidade entre os municípios pode ser enquadrada em diversas escalas. Em contraposição àqueles com condição socioeconômica mais favorável, alguns municípios de pequeno porte, com fortes restrições ao desenvolvimento agrícola, mas com importante participação de população rural, e distantes do pólo metropolitano, apresentam as situações mais precárias nas dimensões sociais de educação, saúde, habitação, infra-estrutura urbana e pobreza, e valores do IDH-M entre os mais baixos do Estado.

O aglomerado metropolitano, mesmo reunindo municípios com situação social relativamente mais favorável, concentra os maiores contingentes de população em situação de carência, observada nas várias dimensões sociais. No caso referente ao déficit habitacional, aos óbitos por causas evitáveis (causas externas e por doenças infecciosas e parasitárias) e ao desemprego urbano, Curitiba concentra praticamente a metade dessas ocorrências da mesorregião, o que indica enorme distância social entre bairros da cidade.

O enfrentamento desses problemas esbarra na capacidade diferenciada dos municípios, principalmente no que se refere à disponibilidade de recursos financeiros. Os municípios menores, particularmente aqueles em pior situação social, apresentam baixos níveis de receita, com forte dependência de transferências da União. Porém, a diferenciação se coloca também para os municípios maiores, fundamentalmente entre aqueles que compõem o núcleo metropolitano, alguns se destacando pela forte concentração de arrecadação e outros por uma fraca performance. No caso destes, o intenso crescimento populacional gera uma situação de menor receita *per capita*.

Os extremos de concentração de riquezas e carências, as desigualdades socioespaciais, as pressões de ocupação e usos sobre o ambiente natural, e a inserção de conjuntos de municípios em dinâmicas comuns enfatizam o desafio que se coloca à gestão desse espaço, para a conquista do desenvolvimento regional.



SECRETARIA DE ESTADO DO
PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL
Rua Máximo João Kopp, 274 Bloco 2 Santa Cândida Curitiba/PR
CEP 82630-900 Fone (41)351-6345 Fax (41)351-6347
www.ipardes.gov.br ipardes@ipardes.gov.br